

Conhecimento da Desigualdade entre FMI e FT

A expressão “Conhecimento da Desigualdade” consta da tese de doutoramento em sociologia económica na universidade de Michigan de Daniel Hirschman (sem relação com o saudoso Albert) que foi apresentada na última reunião da ASSA em San Francisco há uns meses atrás. Reflete a circunstância desse tema, antes marginal na análise económica, se ter tornado central nos últimos anos, consequência certamente dos efeitos distributivos da crise financeira global, como demonstra Branko Milanovic no seu recente *Global Inequality A New Approach for the Age of Globalization*.

É que a desigualdade diminuiu entre países (passou a haver classe média na China) mas aumentou dentro dos países (a classe média empobreceu nos EUA). Deste modo, a vitória na luta contra a pobreza escondeu uma derrota na luta contra a desigualdade, como os navegadores do estreito de Messina escapavam a Caribdis para soçobrar em Cila...A metáfora também serve para o termo “neoliberal” rejeitado pelo FMI e resgatado pelo FT como Jorge Nascimento Rodrigues notou em artigos no *Expresso* de 28 e 31 de Maio respetivamente.

É por isso um gosto abordar os três pontos dele:

**-- trata-se do reconhecimento de mais "erros" por parte do FMI que eventualmente poderá vir a surgir no próximo World Economic Outlook de outono, ou um mero artigo sem consequências de maior que só vincula os três autores e até é moderado na apreciação da questão?**

Segunda alternativa até porque Florence Jaumotte and Carolina Osorio Buitron publicaram na mesma revista de divulgação dos trabalhos nas instituições de Bretton Woods em Março do ano passado (com trabalhos subsequentes aprovados por Olivier Blanchard) uma defesa do sindicalismo moderno intitulado *Power from the People*. O artigo de Ostry et al repisa análises anteriores que demonstram o risco da liberdade financeira sem política macroeconómicas credíveis incluindo monetária, orçamental e macroprudencial.

**-- a análise empírica feita pelos três do departamento de investigação do FMI é suficiente para colocar em causa a agenda neoliberal, ou trata-se de uma crítica específica a dois dos seus pontos e sobretudo a excessos no uso dessa agenda, como referem alguns comentadores?**

Segunda alternativa de novo porque a agenda neoliberal não está bem definida: trata-se de uma arma canhestra nas lutas culturais entre economistas que pretende por Reagan, Thatcher e Blair no mesmo saco. Os economistas desconfiam dos ismos e ainda mais dos neos respetivos.

**-- a reação do Financial Times, basicamente centrada na acusação de se tratar de uma análise unilateral por parte dos três autores, foi excessiva, ou coloca alguma questão relevante no debate?**

Primeira alternativa. Trata-se de um texto admiravelmente bem escrito e certo quando compara o FMI a um homem de meia ideia que usa o boné ao contrário! Claro que supor que essa é a opinião do FMI é não conhecer a instituição.

**Conclusão:** a desigualdade entre países e dentro deles é um tema importante, muito para além do FMI e do FT e é bom poder dizer isso! Já era quando Paul Krugman escreveu o seu *Age of Diminished Expectations* em 1990 e alertou para o problema nos Estados Unidos mas ninguém ligou, eu incluído...

Jorge Braga de Macedo 1 de Junho de 2016 (citado no programa da RTP3 a 6 e revisto a 8)